

# Quem sonha tem a alma morta —

— *Rafael Weiss Brandt*

## BIOGRAFIA DO AUTOR

Rafael Weiss Brandt é advogado militante, escritor e pesquisador expatriado. Tem contos e poemas publicados em diversas revistas. Atualmente, trabalha na elaboração de um romance e uma obra de análise sociológica do processo político brasileiro.

## RESUMO DO TEXTO

Por que a utopia parece tão distante? Por que há uma escassez dos que, por olhos intrépidos, ousam ver no mundo algo de melhor? É através da secura de uma realidade cinza que “Quem sonha tem a alma morta” tenta responder a essa pergunta. Nesse conto, que pode se passar em todos os períodos históricos do Brasil, experimenta-se um excerto de um dos tantos filhos rebeldes da mediocridade. É por ver a falta de cores do mundo que podemos aspirar ao colorido.

Olha quem passa corajoso na calçada. Ousadia! Os cidadãos lhe cospem as palavras e a saliva aos pés pelados. Ninguém gosta do bicho, não se tolera aquela deformidade, aquela grotesca lentidão – figura mórbida, suspirante, um miserável estertor. Podia ser tão grande. É só gordo. Uma ofensa, realmente, à brancura.

O Professor de Literatura, *apparatchik* do Brasil colonial, francófono nato e adorador por obséquio das luzes gregas, pensara discreto anos atrás: esse aí restaria ao descarte pelos espartanos. Profecia.

Nunca um sorriso no restaurante na espelunca na escola na casa na igreja. Na vida. E era essa a vida. Nem nela cabia vírgula pra deixar respirar. Na vida só tem ponto mesmo. Vocabulário repetitivo todo dia. Não podia ser mais, ela, a vida. E o bicho é bom. Domesticado. Não quer problema, não é de problema.

Se causa problema, é porque não se controla. Às vezes quer, despudorado, aspirar mais do que essa moída razão, mais do que essa angústia embaixo da pele balofa.

É esperto o Bicho. Sonho é pra quem tem a alma morta. Não dá pra sonhar quem quer viver. Se sonhasse, morreria ali, na rua mesmo. Tem que ser esperto, cruel, rígido, apertado. Não tem mãe pra passar a febre. Não tem almoço pago. Bicho esquiva, dribla a vida como não consegue driblar no futebol de campinho. Pula, leva no estômago e chora.

No carro parcelado pisa forte pra sentir o vento na cara. Fantasia: vou-me embora daqui, fugir num container. Fica pra trás a garrafa, a barriga, o trabalho. Lá vou ser feliz.

Bicho dia desses foi fazer um curso. Besteira, coisa boba, mas melhor que nada. No curso, uma Professorinha bonita, gostosinha. Mugido nas entranhas. É rara tal ênfase.

Quem quiser ajudar com o jornal, fala comigo depois. Precisa de experiência não, vamos aprender junto a escrever, diagramar e fazer todo o processo jornalístico.

Hum hum hum. Deu até fome.

Lá vai o bicho torto e perdido, pra ajudar com o Jornal. Nunca escreveu e nem sabe muito bem como toda essa complexidade funciona. Compensa com o desejo intrépido de atenção. Surpresa: é bom nisso. Gosta disso, ele que nem gosta de nada. Escreve como bicho, sobre o que vê o olho de bicho dele. Não é que a bicharada gosta do que ele escreve?

Manda até um recorte do jornaleco vagabundo pra irmã, vai que ela gosta também. Vai que ela faz um mural e mostra orgulhosa pros amigos o que o Bicho escreve. Mas nada é melhor que a alegria da Professorinha: aquele sorrisinho de olhos puxados, como dentes podem ser tão brancos? Bicho se derrete dentro da própria carne.

Tava indo bem, a vida. O Bicho quer viver. Quer bater o coração, quer fazer a Professorinha orgulhosa: por que é que o amanhã não pode ser melhor?

Aí, entra na sala, ansioso pelo porvir. Gosta de deixar um agrado pra Professorinha antes da aula, um chocalinho ou uma flor. Homens-gorila, Polícia ou Militar ou ambos, sentados, esperando: cigarros brilhando como semáforos na chuva, pousados em círculo como abutres ou condores a ritualisticamente aguardar a carniça.

Botam o Bicho no carro. Batem, moem, mordem, se lambuzam de sujar o bigode. Não gostam do jornal, não gostam de bicho. Mas é só um jornaleco que ninguém lê!

O pecado é ousar. O pecado é sonhar, porque quem sonha tem a alma morta. E o dia do juízo chegou. Lida a sentença condenatória dos não-redimidos pela existência polida-pequeno-burguesa, aplica-se a pena. Bicho suspira: é hoje que eu morro. Não quer morrer, o mundo é tão bonito.

Num quarto penumbroso, o Bicho vê o corpo torturado, destituído, humilhado da Professorinha Morta. Seviciada. Por sonhar.

É a última coisa a ser vista.

E pelo mesmo motivo, o bicho teve a alma morta.

Restou descartado.

